



OS PROCESSOS DE REPRODUÇÃO DA VIDA DE RIBEIRINHOS-QUILOMBOLAS E A JUNÇÃO ENTRE ECONOMIA E CULTURA NO VALE DO GUAPORÉ – RONDÔNIA

William Kennedy do Amaral Souza¹
Lia Tiriba²

Na escola da vida não há férias (Jorge Amado, 1983).

INTRODUÇÃO

Entender a formação social que compreende os espaços/tempos das culturas milenares por meio dos saberes do trabalho que são produzidos na *práxis* das comunidades e povos tradicionais é uma tarefa de reflexão em que necessariamente é preciso compreender os nexos entre economia e cultura. Porque ao investigarmos essas comunidades, é muito possível constatar que os trabalhadores do lugar creditam o sucesso de seu trabalho, seja na agricultura, seja na pesca, ou seja, na criação de animais, a comportamentos e atitudes que foram aprendidos ao longo do tempo e que estão no bojo da cultura e que formam a cultura do trabalho daquele lugar.

Um importante manancial de saberes do trabalho é o espaço conhecido como Vale do Guaporé. Esta região abarca toda a divisa do Estado de Rondônia com a Bolívia e, constituiu-se numa rota para os escravos fugidos da mineração em Mato Grosso que organizaram quilombos e mantiveram-se na região enfrentando as dificuldades impostas por um sistema opressor e por uma região inóspita. Para manter-se, certamente os ribeirinhos-quilombolas criaram um arsenal de saberes do trabalho que foram e continuam sendo

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na linha de pesquisa Trabalho e Educação. Membro do NEDDATE- Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação, da UFF. Atualmente é professor efetivo no IFRO- Instituto Federal de Rondônia- campus Colorado do Oeste. UFF/IFRO. Endereço eletrônico: william.souza@ifro.edu.br

2 Doutora em Ciências Políticas e Sociologia (Programa Sociologia Econômica e do Trabalho) pela Universidade Complutense de Madrid. Realizou estudos de Pós-Doutoramento na Universidade de Lisboa. Atuou como professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, entre 1990-2011. Atualmente é professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal Fluminense. (UFF). Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com



transmitidos aos seus sucessores o que faz da região uma fonte de conhecimento a ser respeitada.

Alguns pensadores atestam que essas comunidades resistem e permanecem se articulando através da história. Não sucumbe às pressões externas, buscando estratégias para garantir sua reprodução social. Para Caetano e Neves:

As comunidades quilombolas/rurais/tradicionais coexistem paralelamente à realidade da zona urbana e resistem com o seu modo de vida e identidades específicas. Elas carregam tradições, costumes, normas, concepções oriundas de uma cultura tradicional de seus antepassados. Geralmente, demonstram intensa relação com a natureza, já que dependem dela para a reprodução ampliada da vida. (CAETANO; NEVES, 2013, p.7-8).

Para entendermos a constituição da identidade ribeirinha-quilombola, principiamos pelos escritos marxianos que nos indicam que o ser humano é fruto da sua história e compreendemos que homens e mulheres, os quais vivem da sua força de trabalho, constroem experiências e saberes ao longo da sua trajetória de vida, em sua prática diária, nas relações com seus pares, no trabalho, na igreja, na associação. Dessa forma, esses saberes não provêm necessariamente da instituição escolar, não se resumem a conhecimentos prévios, ou se encontram sistematizados em manuais, mas são produzidos na sua práxis cotidiana. No recorte específico dos ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé, um momento em que há a explicitação dos saberes e o imbricamento entre economia e cultura é a realização da Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé, que acontece anualmente na região desde 1894. Esta festa consiste em uma manifestação cultural de caráter religioso, feita pelos negros e devotos que fazem do Divino um símbolo de devoção popular. Então, como é possível apreender a identidade ribeirinha-quilombola? Essa população se articula enquanto classe? Para auxiliar-nos Tiriba esclarece:

A classe é uma relação social, historicamente construída entre grupos de homens e mulheres cujos valores e práticas de produção da vida social se contrapõem e/ou são antagônicos a outro grupo. Nesse sentido, a apreensão dos nexos entre trabalho e educação teria como pressuposto a identificação dos valores, costumes, tradições e as maneiras pelas quais, movidos por necessidades e expectativas objetivas/subjetivas, as pessoas se situam nas contradições entre capital e trabalho e na luta de classe. (TIRIBA, 2015, p. 130).

Na tentativa de respostas a essas indagações tenho realizado pesquisas nas



comunidades e participado ativamente da Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé.

METODOLOGIA

Na condução da pesquisa tenho utilizado entrevistas semiestruturadas e observação participante. Segundo Triviños:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Para Triviños, esse é o melhor método para as pesquisas com enfoque qualitativo, que é o nosso caso. O método de análise é o materialismo dialético. Já que “talvez uma das ideias mais originais do materialismo dialético seja a de haver ressaltado, na teoria do conhecimento, a importância da prática social como critério de verdade”. (TRIVIÑOS, 1987, p.51).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados da pesquisa indicam que os ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé têm uma lógica de mutualidade e reciprocidade, que Marcel Mauss (2003, p. 67) chama de “forma-dádiva de riqueza”, que se distingue da forma-mercadoria. A forma-mercadoria não tem memória social, o comprador pode esquecer o vendedor tão logo pague com dinheiro pela coisa que comprou. A forma-dádiva da riqueza ao contrário, nunca esquece ela deve ser retribuída no futuro, a dádiva tem memória. Em síntese, enquanto sob o capitalismo as pessoas são meio para obter coisas (ou, na formulação marxiana: as relações entre pessoas tomam a forma de relações entre coisas), nas sociedades onde vigora a forma-



dádiva as coisas são meio para acumular relações sociais – isto é, visam diretamente criar vínculos permanentes entre pessoas. Por isso que os ribeirinhos-quilombolas repartem os frutos da pesca, da roça e das criações. Nesse sentido é importante compreendermos as relações entre a antropologia e a economia ou como nos ensina Thompson, as relações entre economia e cultura: “É essencial manter presente no espírito o fato de os fenômenos sociais e culturais não estarem “à reboque”, seguindo os fenômenos econômicos a distância: eles estão em seu surgimento, presos na mesma rede de relações” (THOMPSON, 2001, p. 208).

Importante momento dessa junção entre economia e cultura acontece na Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé. Essa festa é o segundo festejo religioso mais antigo da Amazônia e reúne em seu encerramentocerca de cinco mil pessoas, devotos ou turistas que aproveitam este momento de congregação do “povo guaporeano”. A festa é um momento em que se evidenciam as relações entre economia e a cultura ribeirinha-quilombola.

Na feitura da Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé, os indivíduos decidem coletivamente a organização do trabalho em prol de um evento grandioso, cujo resultado deve trazer alegria e um bem-estar para toda a população do Vale do Guaporé. E já que trabalho é o processo que deve garantir a reprodução da vida, esse processo deve ser prazeroso. Na Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé, evidenciam-se aspectos culturais como a religiosidade, a devoção e, sobretudo a coletividade que nos mostram o imbricamento existente entre economia e cultura. Participar da festa é algo central na vida dos ribeirinhos-quilombolas. O trabalho empreendido por todo o ano tem duas metas bem definidas: garantir à reprodução da vida material com produtos que serão consumidos no dia a dia, e a compra de mercadorias necessárias a vida e, acumular dinheiro e bens para ajudar e participar efetivamente da Festa do Divino. Em 2015 entrevistei alguns ribeirinhos e pude perceber que economia e o modo de produção andam em sintonia com a cultura e o modo de vida. Nas palavras deles:

Eu trabalho o ano todo para uma coisa só: participar da Festa do Divino. É por isso que eu pego firme no serviço. E não dispenso serviço não. Trabalho na minha roça, cuido dos meus bois, piloto barco para os turistas que vem pescar... O que tiver de fazer eu faço. Sei que trabalhando firme o Divino Espírito Santo vai me permitir participar da Festa. (Seu Anacleto, entrevista concedida a Souza et all., 2015).

Maurice Godelier, notável antropólogo francês, ao comentar o “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss, nos deixa a pista:



O que mais me impressionara, como à maioria dos leitores do “Essaisurledon”, fora ver Mauss apontar a existência, no seio das mais diversas formas de trocas e prestações, de uma mesma força encarnando-se em três obrigações, distantes mas encadeadas, e que precipitava as pessoas e as coisas em um movimento que, cedo ou tarde, trazia as coisas de volta às pessoas e fazia coincidir o ponto de chegada de todos estes dons e contradons com seu ponto de partida. (GODELIER, 2001, p.21).

No caso dos ribeirinhos-quilombolas do Guaporé a troca é feita pela religiosidade. Trabalhar nas tarefas da Festa do Divino é algo tido como grandioso e para muitos ribeirinhos-quilombolas é essencial para manter o bem-estar do ano todo e a luta para garantir o seu estar no mundo:

O que eu mais gosto na minha vida é poder trabalhar na Festa do Divino. Já faz 40 anos que eu trabalho na Festa, sempre na cozinha, fazendo a comida para o povo. Eu digo que é isso que me dá forças para enfrentar o trabalho do ano todo, os problemas da vida, as dificuldades que o “governo” não resolve, não ajuda. (D. Maria Antônia, entrevista concedida a Souza et all, 2015).

A fala acima deixa clara uma preocupação política. E essa preocupação é tema de discussão durante a Festa. A Irmandade do Divino Espírito Santo do Guaporé se reúne para discutir a própria Festa, o modo de vida ribeirinho e a luta contra os que querem tomar as suas terras. Por esse motivo é importante entender em que medida a reprodução da vida realizada pelos ribeirinhos-quilombolas é uma forma de enfrentamento ao modelo sócio econômico vigente. A população guaporeana aposta em elementos de solidariedade, cooperação, associativismo e benevolência em seu cotidiano e, nos parece que a lógica do sistema capitalista – de individualização e atomização dos trabalhadores – só permite esses elementos quando vislumbra vantagens ao próprio sistema.

A religiosidade, aspecto cultural marcante dos ribeirinhos-quilombolas, é elemento determinante de suas atividades econômicas. O que parece fora de sintonia com a pós-modernidade, mas como nos ensina Thompson “não deveríamos ter como único critério de julgamento o fato de as ações de um homem se justificarem, ou não, a luz da evolução posterior” (THOMPSON, 1987, p.13) afinal, é preciso contar “a história vista de baixo” (THOMPSON, 2001, p.185).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Economia. Ribeirinhos-quilombolas. Experiência.



Saberes do trabalho.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Os pastores da noite**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Saberes da produção associada: implicações e possibilidades. In: **Revista Trabalho e Educação**, v. 22, n.3, Belo Horizonte. 2013.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. 2003.

SOUZA, William Kennedy do Amaral et al. **Devoção e fé na Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé**. Anais do X Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Rio Branco, AC: Editora IFAC, 2016.

TIRIBA, Lia. "De olho" nos sujeitos-trabalhadores e suas experiências de classe: contribuições ao campo trabalho e educação. In: **Revista Trabalho Necessário**. Niterói, ano 13 n. 20, p. 119-146, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**, volume I: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. A História vista de baixo. In: NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio (orgs.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da UNICAMP, p.185, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.